

Trabalhos de Cuidado

Um guia de estudo do livro de Leah Lakshmi Piepzna-Samarasinha de 2018 'Trabalhos de Cuidado': Sonhando com Justiça para pessoas com deficiência.

Este guia de estudo foi escrito por Tereza Lopez e editado por Gari De Ramos e August Devore Welles e traduzido por Carolina Gil.

Avisos (1) O tema deste livro cobre vários tópicos sensíveis que incluem abuso sexual, abuso físico, e suicídio. Se este livro deixa uma coisa clara, é que devemos cuidar da nossa mente e do nosso corpo. Se este guia de estudo for, a qualquer momento, demasiado intenso, por favor tome o espaço que necessitar para cuidar de si. (2) Este guia de estudo é do livro de Leah Lakshmi Piepzna-Samarasinha, onde ela usa termos que alguns consideram desatualizados, tais como "*able-bodied* (pessoas capazes)" e "*disabled people* (deficientes)". Este guia de estudo utiliza as palavras Piepzna-Samarasinha, mas reconhece que existem alternativas a estas palavras, sobre as quais pode ler [aqui](#).

"Disability Justice" é um termo cunhado pelos membros negros, mulatos, queer, e trans do coletivo original "Disability Justice", fundado em 2005 por Patty Berne, Mia Mingus, Leroy Moore, Eli Care, e Sebastian Margaret" (p. 15).

O livro de Piepzna-Samarasinha é uma coleção de ensaios sobre a política e as realidades do movimento pela justiça das pessoas com deficiência. A justiça para pessoas com deficiência centra-se nas pessoas queer, trans, negras, indígenas e de cor (QTBIPOC) e no que precisam, como vivem, e como organizam a justiça para si próprios. A justiça em matéria de deficiência coloca as necessidades das comunidades e indivíduos que são frequentemente esquecidos, como a QTBIPOC, na linha da frente para que exista foco sobre as suas necessidades e valores. Este trabalho destrói a estrutura que mantém a discriminação contra deficientes intacta. Este livro não pretende ser visto como O livro sobre justiça em matéria de deficiência, mas sim como um dos muitos livros sobre este tema.

Este guia de estudo resume o texto não capítulo a capítulo, mas sim tema a tema. Abordaremos o que é o trabalho de justiça e cuidados com a deficiência, como é que se parece na prática, justiça curativa, e a realidade para as mulheres de cor queer e deficientes.

Observação: o artigo não possui tradução oficial em português, portanto todos os trechos citados neste guia de estudo estão em tradução livre.

Informação adicional

- “QTBIPOC” é uma sigla inglesa que significa “*Queer, Trans, Black, Indigenous People of Color*” ou seja, pessoas queer, negras, indígenas e de cor”.

Sumário, parte 1

Definindo Justiça para pessoas com deficiência e Trabalhos de Cuidado

A **Justiça para pessoas com deficiência** foca-se nas pessoas portadoras de deficiência queer, trans, negras, indígenas e de cor (QTBIPOC) e o que eles precisam, como vivem, e como organizam a justiça para si próprios. A justiça em matéria de deficiência coloca as necessidades das comunidades e indivíduos que são frequentemente esquecidos, como a QTBIPOC, na linha da frente, focando-se nas suas necessidades e valores. Este trabalho destrói a estrutura que mantém a discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência intacta.

A justiça em matéria de deficiência deve incluir os sentimentos, pensamentos e vozes das pessoas com deficiência. Pessoas, organizações e decisores políticos discutem extensivamente sobre a "justiça para pessoas com deficiência", deixando de fora o seu contexto necessário e original. Longas marchas e conferências pedindo continuamente às pessoas para se deslocarem não é "justiça" - isto é discriminação contra pessoas portadoras de deficiência. No entanto, nem todos o reconhecem como tal.

Contexto histórico.

Historicamente, pessoas que eram deficientes foram mortas sob o colonialismo e o capitalismo, e isto levou a uma vergonha duradoura no seio de algumas comunidades marginalizadas. Agora, as vidas das pessoas com deficiência nessas comunidades devem ser evocadas.

Piepzna-Samarasinha fornece um contexto histórico do tratamento das pessoas com deficiência na América do Norte. Ela reconhece que, embora não seja "uma intelectual com formação académica em matéria de deficiência", o objetivo com a sua escrita é

proporcionar acesso à informação de uma forma que os ensaios académicos podem não proporcionar (p. 37).

Depois dos britânicos terem colonizado os Estados Unidos, as pessoas com deficiência ou doentes - especialmente os de Negros, Indígenas, Pessoas/Pessoas de Cor (BIPOC) - foram vendidos, mortos, ou deixados para morrer por não trazerem dinheiro.

Hoje em dia, grande parte da justiça para pessoas com deficiência centra-se no cuidado (ou seja, a atividade ou profissão de cuidar regularmente de uma criança ou de uma pessoa doente, idosa ou deficiente - definição do Google). Nem todas as deficiências de então e de agora são vistas como deficiências reais ou válidas, e alguns indivíduos deficientes não querem um prestador de cuidados porque não querem ser vistos como incompetentes. Outros fatores podem influenciar não querer um prestador de cuidados como a queerfobia, transfobia, e gordofobia daquele que irá prestar cuidados. Outros indivíduos não são vistos como suficientemente incapazes para receberem prestações por incapacidade, enquanto outros não querem ser vistos como incapacitados porque receiam perder direitos a coisas como o casamento ou a habitação.

Criação de Acesso Colectivo através de Redes de Cuidados.

Piepzna-Samarasinha incentiva a utilização de redes de cuidados, que são grupos de indivíduos (que podem ser incapacitados, com deficiência ou sem deficiência, ou uma combinação destes) que trabalham em conjunto para prestarem cuidados e acesso a recursos uns aos outros. A criação de redes de cuidados muda a ideia de acesso e cuidados de todos os tipos (acesso a creches/cuidados de crianças, acesso a subsídios, etc) de colectivo para colectivo enquanto trabalham através dos elementos raciais, de classe, e de sexo do acesso e cuidados.

Piepzna-Samarasinha discute como pessoas queer negras e de cor predominantemente doentes e com deficiência criaram formas de pessoas doentes e com deficiência receberem apoio e cuidados autonomamente, sem dependerem do Estado ou das suas famílias biológicas.

Ela também destaca redes de cuidados do passado que podem não ter sido vistas como cuidados a pessoas com deficiência, como a Casa STAR iniciada por Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera. A Casa STAR criou um espaço seguro para pessoas trans de cor e, ao mesmo tempo, permitiu que tivessem acesso partilhado a meios que afirmavam o seu género.

Piepzna-Samarasinha tem vivido experiências em redes de cuidados e ajudado pessoas a atravessar diferentes crises. Ela está impressionada com a forma como a comunidade se pode reunir para prestar cuidados quando o estado/governo pode não estar a prestar "bons" cuidados ou a fornecer às pessoas os recursos de que

necessitam. Os cuidados prestados pelo Estado podem ser inacessíveis devido à falta de Internet, vergonha, má publicidade, inelegibilidade, ou um complicado processo de registo. Isto torna as redes de cuidados necessárias, mas pode levar ao esgotamento destes pequenos grupos ou destes pequenos líderes.

Informação adicional

- A Casa de Ação Revolucionária dos Travestis de Rua (STAR) era uma organização de ativistas de rua homossexuais, não conformes e transexuais fundada em 1970 por Sylvia Rivera e Marsha P. Johnson, as sub culturalmente famosas drag queens de cor da cidade de Nova Iorque. (Google)
- Aprende mais [aqui](#).

Sumário, parte 2

Tornar a Justiça para pessoas com deficiência realidade

Justiça para pessoas com deficiência e interseccionalidade.

Quando se pensa em deficiências, é necessário pensar nos diferentes aspetos da identidade [interseccional](#) (por exemplo, como o racismo, a pobreza e a discriminação contra pessoas com deficiência se podem sobrepôr). Por exemplo, muitas pessoas negras e de cor que limpam casas para viver desenvolveram sensibilidades químicas devido à exposição a produtos de limpeza, pelo que agora há necessidade de reestruturar a forma como as sensibilidades químicas e de fragrâncias são vistas. Podem sofrer de asma ou cancro porque vivem desproporcionalmente em áreas expostas a resíduos tóxicos e poluentes como resultado de racismo sistémico e de fatores socioeconómicos.

Um exemplo de intersecção da deficiência com outras identidades, Piepzna-Samarasinha - uma femme queer de cor e com deficiências - escreve sobre a sua experiência numa narrativa de sobrevivência intitulada "Dirty River". A narrativa discute o abuso incestual que ela enfrentou em conjunto com as suas histórias de imigrantes e de deficientes, que estão ligadas. Foi difícil para Piepzna-Samarasinha conseguir um acordo para este livro devido ao tema (sobrevivência e deficiência) e devido à sua identidade como uma femme queer de cor. Eventualmente, o livro foi apanhado por uma editora.

Definição de Femme

Femme - Uma pessoa que se identifique como femme possui um de um milhão de tipos de queer femme ou géneros femininos e faz parte de um multiverso de pessoas do sexo feminino. Muitas vezes remixes complicados que rompem com a classe média-alta, branca e capaz, feminidade cis, remixando-a para se tornar gorda ou trabalhadora ou negra ou castanha ou trans ou não binária ou deficiente ou trabalhadora do sexo ou outros géneros de mulher para conceder força, vulnerabilidade e poder à pessoa que os encarna (p. 136).

Piepzna-Samarasinha, reflectindo sobre essa experiência, diz:

"aquelas pequenas publicações feministas e queer e POC dos anos 70 e 80 foram criadas em caves. A Kitchen Table Press foi literalmente criada numa mesa de cozinha. Criamos sempre a tecnologia, desde o batom ao Tumblr, de que precisamos para sobreviver. E isso inclui a publicação da escrita, nos nossos próprios termos, para as pessoas que querem e precisam de ler" (p. 172).

A justiça para pessoas com deficiência é também um problema para pessoas capazes.

As pessoas capazes precisam de atacar discriminação contra pessoas com deficiência quotidianamente porque o seu corpo capaz não dura para sempre. Devemos reforçar a ideia de que tornar o mundo acessível às pessoas com deficiência torna o mundo mais acessível para todos.

Dito isto, as pessoas portadoras de deficiência devem estar à frente e no centro quando se trata de fazer justiça pelas pessoas com deficiência. Se as pessoas com deficiência forem incluídas nas discussões, mas não tiverem poder ou liderança, isso é **Tokenismo** (ou seja, a prática de fazer apenas um esforço superficial ou simbólico para fazer uma coisa específica - definição do Google). Vemos isto quando "pessoas capazes conseguem ASL e rampas e loção sem perfume mas não construíram relações com nenhuma pessoa com deficiência" (p. 127). Esta inclusão performativa faz lembrar o [modelo de caridade](#).

Que contribuição trazem as pessoas com deficiências.

As pessoas portadoras de deficiência têm de pensar de forma inovadora ao certificar-se de que as suas necessidades são satisfeitas. O facto de pensar de forma inovadora é algo que as pessoas portadoras de deficiência são obrigadas a fazer, enquanto as pessoas capazes não têm de o fazer, o que não deveria ser a norma.

As pessoas com deficiência não devem ter de depender das pessoas que as amam para poderem utilizar a casa de banho e coisas dessa natureza, em vez disso, os cuidados devem ser prestados a nível da comunidade e a nível do sistema.

Além disso, as pessoas com deficiência podem ter o que Piepzna-Samarasinha chama de “**competências de deficientes**”, um termo que descreve "as competências que as pessoas com deficiência têm" (p. 69). Nomear as competências de portadores de deficiência como “competências de deficientes” desafia o "modelo de deficiência pelo qual a maioria das pessoas vê a deficiência como uma falta, um defeito, algo danificado, que necessita de cura" (p. 69). Alguns exemplos de inteligência emocional de pessoas com deficiência:

1. Não a levar a peito quando alguém é mal-educado, rude, ou atrapalhado com o seu discurso porque reconhecem, mais facilmente, que poderá estar a passar por um momento complicado;
2. Tentam nunca assumir nada e inquirir sobre o que as pessoas possam precisar para estarem fisicamente confortáveis, assegurando o respeito pelo outro; e
3. Compreender que o acesso a recursos (por exemplo, vales para refeição) nem sempre é simples;

Armadilhas a ter em atenção.

Espaços que são apenas para indivíduos com deficiência podem criar um espaço de cura através da experiência de vida que partilham, mas podem ser difíceis de aceder. Estes espaços podem expandir-se através do treino de aliados com corpos capazes de dar cuidados e pagar às pessoas (potencialmente na arte) pela sua energia. Estes espaços permitem que as pessoas com deficiência aprendam novas informações sobre deficiências que se sobrepõem ou deficiências que não têm. Ao criar uma rede de cuidados, há questões que se devem ter em mente. Por exemplo, qual é o objetivo da rede de cuidados? Quem precisa de cuidados e que tipo de cuidados precisa? Quais são as técnicas que permitem que as pessoas que recebem cuidados os recebam bem?

Resumo, parte 3

Trabalho de Cuidado em Ação

O Coletivo de cuidados da Loree Erickson.

Loree Erickson iniciou o seu coletivo de cuidados porque não lhe foram dados fundos adequados para pagar a um prestador de cuidados. Anteriormente, um prestador de cuidados desrespeitou a identidade sexual de Erickson, e ela foi vítima de homofobia por parte dos seus prestadores de cuidados. Erickson criou **um coletivo de cuidados**

composto por amigos como uma estratégia de sobrevivência para dar e receber os cuidados necessários, como ser transportada da sua cadeira de rodas para a casa de banho ou para a sua cama. O coletivo de cuidados de Erickson, que teve o mesmo resultado de muitas redes de cuidados, foi um método que funcionou bem para ela mas dependia fortemente de pessoas que a amavam, os seus amigos.

Este modelo reformulou radicalmente os cuidados que recebeu porque anteriormente Erickson não podia receber cuidados sem ser visto como uma tarefa. Os cuidados tornam-se benéficos tanto para o receptor como para o doador, uma vez que Erickson (recetor) recebe os cuidados de que necessita, e outra pessoa (doador) pode rir e desfrutar da companhia de Erickson.

IMAGE

Loree Erickson, a quarta bolseira do pós-doutoramento da Fundação Ethel Louise Armstrong (ELA) na Escola de Estudos da Deficiência, está concentrado em áreas severas de investigação, incluindo iniciativas de "cuidados coletivos" e "culturas da indesejabilidade". Foto: Alia Youssef.

A identidade interseccional de Erickson como pessoa branca, extrovertida e neurotípica ajudam-na neste modelo de cuidados. No entanto, as pessoas não deveriam ter de confiar em ser queridas/amadas por uma comunidade que criaria um coletivo de cuidados para ter o direito de usar a casa de banho. O coletivo de cuidados de Erickson não é necessariamente um modelo de cuidados que se adapte a todas as identidades ou a todas as deficiências corporais/mentais.

Criação do Acesso Coletivo de Detroit, Junho de 2010 - Junho de 2012.

A Criação de Acesso Colectivo (CCA) foi uma iniciativa de pessoas femme de cor com deficiências dedicada a assegurar que uma conferência de Detroit fosse acessível. O CCA permitiu que as pessoas encontrassem acesso em conjunto em vez de o acesso ser uma tarefa isolada que se teria de navegar de forma independente. Aqui, o acesso é mais do que uma rampa para entrar num edifício. O CCA fez com que as exigências de acessibilidade fossem satisfeitas (por exemplo, conseguir que as conferências tivessem sabão sem perfume). Como grupo, podem atravessar por longas conferências em conjunto, por exemplo, **caminhando ao ritmo do membro mais lento**. O CCA foi enraizado na interseccionalidade para criar uma organização que não deixasse de fora qualquer aspecto da identidade de alguém; para formar um espaço centrado nos indivíduos deficientes BIPOC que cuidam uns dos outros.

O CCA na Bay Area.

O CCA na Bay Area foi uma tentativa de trazer um coletivo de cuidados, semelhante ao utilizado para a conferência, para a vida quotidiana. Houve dificuldades com este modelo porque nem todas as pessoas deficientes do grupo defendiam que a ajuda era necessária. As identidades interseccionais podem tornar mais difícil para pessoas como mulheres ou femmes de cor aceitar cuidados quando a sociedade as pressiona para se colocarem em último lugar. Como filha de uma mulher da classe trabalhadora, Piepzna-Samarasinha desenvolveu uma forte ética relativa à classe trabalhadora, tornando difícil pedir ajuda para fazer trabalhos domésticos, mesmo quando ela precisa.

Apresenta-se também outro desafio pois, embora o grupo tivesse identidades semelhantes às dos queer e das pessoas trans de cor com deficiências, não havia um conhecimento intuitivo sobre as outras deficiências. Alguns indivíduos com deficiência física podem precisar de ajuda diária estruturada, enquanto os indivíduos que se cansam com frequência poderão precisar de reprogramar as suas tarefas consoante a sua necessidade e isto pode ser um desafio para a gestão do grupo.

Uma Rede de Assistência Virtual Contínua: Sick and Disabled Queers.

"A escritora queer e com deficiência Mizrahi e a organizadora Billie Rain começaram o ["Sick and Disabled Queers \(SDQ\)"](#), um grupo do Facebook de pessoas queer doentes e com deficiência, em 2010" (p. 60). Isto criou um espaço onde as pessoas com deficiência, cujas identidades são frequentemente marginalizadas nos principais espaços de direitos dos deficientes, poderiam conectar-se com outros. O grupo do Facebook tornou-se um espaço de partilha de conhecimentos, medicamentos, fundos e educação sobre deficiências para além daquelas que tinham. Isto reformula o ativismo para uma forma mais sustentável, onde os indivíduos podem manter a sua saúde enquanto vivem e fazem trabalho de ativistas.

Acessibilidade no mundo do espetáculo.

A maioria não pensa na deficiência em espaços de atuação. Um exemplo que Piepzna-Samarasinha dá é como um teatro construiu uma rampa para uma peça da qual esta fazia parte, mas derrubou essa rampa quando essa peça foi concluída. Uma rampa poderia ajudar muitas pessoas, como pessoas sem deficiência a entrar no palco com adereços, e não apenas as que utilizam cadeiras de rodas. Fazer do teatro um espaço acessível não é necessariamente ensinado em programas teatrais ou mestrados de artes performativas. Isto acontece porque "pessoas doentes e deficientes e surdas e loucas fazem-no porque se preocupam e têm as capacidades para o fazer acontecer" (p. 154).

A arte é memorável, mas também substituível, o que faz as pessoas sentirem que nunca podem recusar um trabalho. Há uma luta para permanecer relevante e alcançar o público com a sua arte porque "se as pessoas conhecerem o meu trabalho, então terei mais trabalho, e o meu trabalho poderá alcançar as pessoas. Se não, não

conhecerão, e não alcançarei" (p. 189). No entanto, fazer digressões é um privilégio imenso, embora também cause dor ao corpo, que só algo que só alguns indivíduos experienciam. Piepzna-Samarasinha está "empenhada em descobrir, em conjunto com outros, como podemos reformular as expectativas da cultura do mundo do espetáculo e descobrir novas ideias, vindas daqueles que têm deficiências ou doenças crônicas, permitindo a nossa prosperidade" (p. 191).

Para aqueles que são doentes crônicos e precisam de ir em digressão, Piepzna-Samarasinha fornece uma lista de dicas. A lista abaixo é uma lista não exaustiva:

1. Tomar yin chiao ao primeiro sinal de uma doença para reduzir as suas hipóteses de adoecer;
2. Gargarejar sal marinho quente quando sentir uma tosse a chegar;
3. Melatonin ou Benadryl para o ajudar a dormir quando for necessário;
4. Carvão ativado para evitar náuseas;
5. Manter a proteína de emergência sempre consigo; e
6. Frasco com meio limão e encher com água para obter eletrólitos e hidratação.

O Modelo Crash and Burn.

Quando se faz trabalho de justiça em matéria de deficiência, algo a ser cauteloso é quando as redes de cuidados só emergem em resposta a emergências.

"As redes de cuidados como resposta a emergências [acontecem] quando alguém se torna temporária ou permanente, alguém com deficiência física, e a sua rede de amigos com corpos capazes/aptos entra em ação" (p. 52).

O modelo de cuidados de emergência não é sustentável e muitas vezes desfaz-se após algumas semanas ou meses, quando se acredita que a pessoa ferida se tornará de novo fisicamente apta.

Resumo, parte 4

Trabalhos de Cuidado em Ação: Toronto

"Toronto tem uma longa história de pessoas com deficiências se organizarem e criarem comunidades para pessoas doentes, deficientes, loucos e pessoas queer e trans negras, indígenas, e pessoas de cor (QTBIPOC). Essa organização tem tomado de mil e uma formas - desde protestos a discussões no Facebook, desde conversas familiares a perspetivar como se poderiam tornar festas sexuais mais acessíveis " (p. 79).

Abaixo encontra-se uma cronologia de operações de trabalhos de cuidado baseadas em Toronto, Canadá.

1990s: Dia do Orgulho dos Sobreviventes Psiquiátricos como um Espaço de liderança louca de femmes de cor.

Em Toronto, Parkdale ficou conhecido como "o maior gueto psiquiátrico do Canadá" porque estava cheio de pessoas da classe trabalhadora e de pobres negros e de cor (p. 83). Os doentes psiquiátricos eram colocados em casas comunitárias e recebiam os seus medicamentos em levantamentos diários. Isto permitiu que as pessoas se reunissem e partilhassem as suas experiências e desafiassem o diagnóstico recebido nas instalações psiquiátricas. Esta comunidade reuniu-se para organizar um Dia do Orgulho dos Sobreviventes Psiquiátricos, demonstrando a importância da organização. Estas pessoas portadoras de deficiência puderam reunir-se para e por si próprias para trazerem assuntos que lhe dizem respeito para o centro da discussão e para se celebrarem a si próprias.

1996-2000: Serviço noticioso da comunidade Bulldozer.

Piepzna-Samarasinha mudou-se para Toronto devido à maior acessibilidade, à visibilidade da sua identidade, pelo rendimento digno, e pelas discussões em torno das deficiências. Enquanto esteve em Toronto, trabalhou com a "Bulldozer Community News Service". A Bulldozer, "era um jornal radical que definia como seu público-alvo prisioneiros e ex-prisioneiros, sobreviventes psiquiátricos, pessoas de países de primeiro mundo, pessoas de cor, e pessoas pobres" (p. 81-82). O jornal analisou um tema que as prisões e as instalações psiquiátricas têm em comum: como sobreviver como trabalhadora do sexo e como viver com uma deficiência.

1997: Edmond Yu assassinado pela Polícia de Toronto.

Inspirado pelo assassinato por parte da polícia de um indivíduo asiático com deficiências, enquanto este passava por uma crise de saúde mental, "pessoas envolvidas nas lutas contra a brutalidade policial, prisões, questões de pessoas com problemas psiquiátricos como tratamento forçado e internamentos forçados [...] estavam a juntar-se e a nomear [os seus problemas] como estes estando interligados" (p. 88).

2012: "Sins Invalid" Vem a Toronto, Conversas do SDQTBPOC.

"Sins Invalid", um projeto de espetáculos para a justiça para deficientes centrado em doentes, deficientes, queer, e trans BIPOC (SDQTBPOC), e foi fundado em 2006 trazendo peças realizadas por indivíduos com deficiência aos campus universitários e palcos por toda a América do Norte. Há também workshops que se centram em torno de pessoas de cor, queer, trans, envolvendo trabalho de justiça em matéria de deficiência. No entanto, quando a "Sins Invalid" trouxe um espetáculo a Toronto, os organizadores da peça não se focaram na assistência, sentimentos, ou conforto das pessoas QTBPOC. No entanto, o espetáculo não foi todo mau, pois "os artistas SINS e

Toronto QTBIPOC não participaram [na festa após o espetáculo] e conviveram juntos" (p. 91). Ao criar uma peça para representar um certo grupo de indivíduos, é importante pensar nessas pessoas quando vêm ao espetáculo, guardando os lugares da frente para eles ou/e assegurando que há um tradutor que possua, de antemão, o guião da peça.

2013: Elisha Lim e Loree Erickson iniciam a intervenção "Porque é que eu iria a uma festa se os meus amigos estão interditos de entrar"?

Elisha Lim sentiu-se mal por não contar ao seu amigo de cadeira de rodas, Loree Erickson, o que fazia aos fins-de-semana porque Erickson não poderia ir, por isso Elisha declarou que só iria a festas acessíveis a que Erickson poderia ir durante um ano. Elisha transformou isto num evento do Facebook a que as pessoas começaram a aderir. A página tornou-se "uma intervenção - um lugar onde os QTBIPOC deficientes, os QTBIPOC não deficientes, e as pessoas brancas doentes e deficientes queer se juntam para discutir, debater e aprender" (p. 93). Isto criou uma mudança cultural no sentido de tornar os eventos acessíveis, independentemente dos organizadores serem pessoas com deficiência ou não. No entanto, o classismo afeta os próprios organizadores de eventos QTBIPOC, pois estes podem não ter dinheiro para garantir espaços acessíveis.

2013-15: "Crip Your World/PDA: Performance/Disability/Art".

O "Great Disability Arts Retreat" criou espaço para artistas queer BIPOC que são frequentemente esquecidos ou ignorados. Ainda há trabalho a ser feito na criação deste espaço para artistas que podem precisar de ir um pouco mais devagar pela sua saúde e bem-estar, e os movimentos/espacos de arte precisam de acomodar estas pessoas e as suas necessidades.

Resumo, parte 5

Justiça Curativa

O melhor tipo de cura é a cura que... (p. 97-98)

- É acessível;
- Oferece creche;
- Não necessita de escadas;
- Não "misgender" ou desrespeita pessoas com deficiências ou trabalhadores sexuais;
- Acredita nas pessoas que são portadoras de deficiência quando estas dizem que estão magoadas;

- Ouve as pessoas que são portadoras de deficiência quando estas explicam o que precisam; e
- Compreende que as pessoas portadoras de deficiência são a primeira e última autoridade sobre o seu corpo e mente.

O que é justiça curativa?

A **justiça curativa** é uma...

"mudança na forma como pensamos no trabalho de organização de movimentos para pensarmos neste como um lugar onde a criamos a possibilidade de existirem mais pausas, onde damos espaço para que haja cura, onde construímos espaço para o luto e trauma, tornando os movimentos mais flexíveis e mais duradouros" (p. 107).

A Justiça Curativa foi um movimento criado por indivíduos QTBIPOC em 2004. O "Kindred Southern Healing Justice Collective", um coletivo do sul dos EUA de organizadores queer negros e de cor, ajudou a definir o movimento de justiça curativa. O movimento de justiça curativa destina-se a recuperar os métodos tradicionais de cura dentro das comunidades negras e de cor, ao mesmo tempo que expande o conceito de saúde e métodos de cura.

Ao pensarmos na justiça curativa, aprendemos que devemos ser espaços de cura e que a cura é o trabalho que orienta a justiça para as pessoas com deficiência. A justiça curativa também reivindica os métodos de cura tradicionais das comunidades BIPOC, que foram destruídos pelo capitalismo que privatiza os cuidados de saúde.

Piepzna-Samarasinha cura pessoas através da leitura de cartões de tarot ou do trabalhando para uma linha de emergência para vítimas de violação, ou no ensinando a estudantes de medicina como estes podem conduzir exames de saúde sexual consensuais. Pessoas doentes ou loucas podem curar-se uns aos outros através de meios que são diferentes do modelo médico tradicional, e estes meios são também válidos enquanto cura.

O que NÃO é a justiça curativa?

A ideia convencional de cura - uma ideia em que as pessoas ou estão doentes ou saudáveis, ou saradas ou debilitadas - é profundamente baseada em discriminação contra pessoas com deficiência. A justiça para as pessoas com deficiência e a justiça curativa, baseada na antidiscriminação contra pessoas portadoras de deficiência, reabilitam este pensamento "para que vejamos as pessoas como autônomas e belamente imperfeitas" (p. 104).

Além disso, Piepzna-Samarasinha adverte para o seguinte:

"Se pessoas brancas que prestam cuidados aplicam 'justiça curativa' ao seu trabalho mas ainda usam as tradições curativas de algumas culturas populares que não são as suas próprias, trabalham e tratam principalmente pessoas brancas de classe média e

alta, desconhecem ou não reconhecem que [justiça curativa] foi criada por femmes negras e de cor, não estão a trabalhar com uma postura crítica e compreensão de como a colonização, o racismo, e a discriminação contra pessoas com deficiência são questões relativas ao cuidado... então o seu trabalho não pode ser considerado “justiça curativa” (p. 106).

Informação adicional

- “Misgendering” ou “Misgender” (Malgenerizamento ou Malgenerização em tradução livre) é um termo da língua inglesa para o ato de designar uma pessoa por um gênero que não corresponde à sua identidade de gênero. (Google)

Resumo, parte 6

Capitalismo, Suicídio e Femmes

Capitalismo e justiça para pessoas com deficiência.

A cama é um lar para muitos indivíduos com deficiência como Piepzna-Samarasinha, que escreve dentro e fora da cama. **O modelo capitalista de produtividade não reconhece este trabalho.** O capitalismo afasta as pessoas com deficiência, fazendo-os parecer inúteis porque os seus corpos não estão a criar riqueza para outra pessoa da forma que o capitalismo dita. É difícil para Piepzna-Samarasinha escrever os prós e os contras do seu corpo deficiente porque isso dói, mas ter esta deficiência permite-lhe criar um espaço para ela escrever que não teria se tivesse um emprego das 9h às 17h.

Suicídio e justiça para pessoas com deficiência.

No ensaio “Suicidal Ideation 2.0”, Piepzna-Samarasinha explora porque é que as pessoas sentem dor, e como (mesmo quando a vida melhora e você se sente melhor) a dor persiste. Porque é que os sentimentos de dor e de suicídio se prolongam ao longo da vida, emergindo em alturas que deveriam ser uma grande alegria, como ganhar um prémio?

Piepzna-Samarasinha crê que há demasiada pressão sobre os líderes, especialmente as mulheres líderes, porque esperamos que sejam perfeitos e sempre capazes de resolver o problema. Mas, se cometerem um erro, são destruídos. Isto pode ser traumatizante e causar muita ansiedade.

Ela prossegue, dizendo que “as pessoas [QTBIPOC] já [são] vistos como difíceis, como monstros, como pessoas enfurecidas, sedutoras, incompetentes. Como podemos

admitir fraqueza, vulnerabilidade, interdependência e ainda manter os nossos empregos, quando vivemos sempre “à beira do precipício”?”. (p. 184).

Piepzna-Samarasinha diz: "Estou interessada em criar modelos para vidas adultas felizes, na sua maioria para pessoas queer e trans, onde possamos ser líderes e ainda ser vulneráveis, onde possamos admitir que não existe ser feliz para sempre" (p. 179).

Femmes e suicídio.

Femme - Uma pessoa que se identifique como femme possui um de um milhão de tipos de queer femme ou géneros femininos e faz parte de um multiverso de pessoas do sexo feminino. Muitas vezes remixes complicados que rompem com a classe média-alta, branca e capaz, feminidade cis, remixando-a para se tornar gorda ou trabalhadora ou negra ou castanha ou trans ou não binária ou deficiente ou trabalhadora do sexo ou outros géneros de mulher para conceder força, vulnerabilidade e poder à pessoa que os encarna (p. 136).

Piepzna-Samarasinha elabora uma lista de coisas que sabe sobre femmes e suicídio. Os pontos seguintes são apenas parte dessa lista, mas realcemos três observações feitas:

1. Ser vista como “demasiado” (demasiado barulhenta, demasiado louca, demasiado carente) pode matar alguém, porque esta pessoa sentirá que não pode ir a lado nenhum pedir ajuda sem ser vista como demasiado de alguma coisa, sem se sentir um fardo;
2. Adorar femmes somente quando elas apresentam uma aparência feminina superior, mas se não tiverem essa aparência não são adoradas... "femmes tristes, nem sempre sabem amar" (p. 197); e
3. Femmes que lideram a sua comunidade são alvos de enormes quantidades de raiva e insultos, nunca se sabe o que poderão receber em resposta ao seu sucesso.

Além das femmes e do suicídio, Piepzna-Samarasinha também tem uma lista de coisas que sabe sobre o suicídio femme:

“Acredito na luta para que as femmes permaneçam vivas. Acredito que lutar pela nossa vida é um ato revolucionário.

Acredito que, quando mudamos as condições de femmephobia, discriminação contra pessoas com deficiência, sexismo, classismo, transmisoginia, gordofobia, e discriminação contra prostitutas, todos ficarão mais livres e seguros e capazes de sobreviver.

Acredito nas femmes em primeiro lugar. Eu acredito nas femmes loucas em primeiro lugar” (p. 204).”

Estratégias para segurança emocional para a sobrevivência de femmes.

Dizer a alguém para ligar para uma linha directa se sentir suicídio não é suficiente. Após a perda de múltiplas vidas femmes devido ao suicídio, Piepzna-Samarasinha ajudou a estabelecer um espaço para falar de suicídio femme. Para mudar as condições no mundo para permitir que mais femmes, e pessoas em geral, permaneçam vivas, é necessário que haja um foco na mudança das condições que fazem com que as pessoas queiram morrer.

Uma proposta modesta para a economia das trocas de trabalho emocional justas (focada em pessoas com deficiência, femmes de cor, classe operária).

O patriarcado, o racismo, a transmisoginia, o colonialismo, a discriminação contra pessoas com deficiência, o classismo, e a discriminação contra prostitutas são usados como métodos para magoar e causar danos àquelas que são femmes. Isto pode ser visto na forma como certos trabalhos são rotulados de “**colarinho rosa**”. As carreiras de colarinho cor-de-rosa são altamente feminizadas e por vezes dependem de trabalho gratuito não remunerado (como os trabalhos de cuidado), tais como limpeza, cuidados infantis, empregada de mesa e na indústria dos serviços. Os homens/pessoas masculinas BIPOC de classe trabalhadora ou pobres muitas vezes não executam trabalhos de cuidado porque o racismo e o classismo não vêem os corpos masculinos negros e de cor como sendo amorosos ou carinhosos.

Piepzna-Samarasinha tem várias ideias sobre como fazer com que os trabalhos de cuidado funcionem "economicamente", como ter uma **troca de trabalho emocional justa e consensual**, que é onde ambas as partes discutem e acordam sobre o que é necessário para os cuidados e como estes serão feitos. Esta é uma forma de justiça em matéria de deficiência que admite que as pessoas com deficiência são os peritos nos seus corpos e consentem nos cuidados que precisam e querem receber. Os trabalhos de cuidado são um emprego, pelo que é aceitável pedir uma forma de compensação (que pode ser tão simples como trocar arte).

Compreensão

Antes de nos envolvermos na análise crítica da justiça em matéria de deficiência, tal como delineada por Piepzna-Samarasinha, devemos primeiro certificar-nos de que compreendemos o que ela está a dizer. Pegue nas seguintes perguntas e responda com as suas próprias palavras. Ao fazê-lo, tente limitar o número de frases que utiliza e procure explicar estes conceitos de forma sucinta. Para verificar novamente o seu trabalho, ou se estiver verdadeiramente bloqueado, pode visitar as seções de resumo que abordam a questão.

1. Defina a justiça para pessoas com deficiência nas suas próprias palavras. Quem iniciou o movimento e por que luta o movimento?

2. O que são as redes de cuidado? Como são úteis para pessoas portadoras de deficiência? Quais são algumas coisas a ter em conta quando se cria uma rede de cuidado?
3. Escolha três exemplos de redes de cuidado que mais lhe interessam. Que problema estavam eles a abordar e como o abordaram? Tiveram êxito?
4. O que é a justiça curativa? Em que é que é diferente da justiça em matéria de deficiência?
5. A seção final dos resumos é sobre as experiências vividas de Piepzna-Samarasinha e deficientes, femmes queer em geral. Quais são as suas principais conclusões a partir desta secção? Especificamente sobre suicídio e segurança emocional?
6. Descreva a economia da troca justa de trabalho emocional e como funciona com as suas próprias palavras.

Abaixo temos um set de flashcards do Quizlet definido para o ajudar a tomar nota das palavras-chave deste guia de estudo!

Praxis

A justiça em matéria de deficiência deve fazer parte da luta pela justiça social. Esta seção dar-lhe-á algumas questões para reflectir a sós ou discutir com outros para o ajudar a pôr em prática estas ideias. No entanto, antes de começar, uma actividade de aquecimento: Piepzna-Samarasinha - uma queer com deficiências e femme de cor - utiliza termos como "able-bodied (pessoas capazes)" e "disabled people (deficientes)" no seu livro, os quais não são recomendados por alguns defensores da justiça em matéria de deficiência. Antes de prosseguir, visite o "[Disability Language Study Guide](#)" feito pelo "National Center on Disability and Journalism" para ver que termos recomendam utilizar em seu lugar e porquê.

1. Como é que a deficiência aparece na sua vida ou na vida dos seus entes queridos? Se não aparecer, pense em alturas em que esteve doente durante um ou dois dias, e como é que isso impactou a forma como passou o seu dia.
2. Você ou alguém que conhece alguma vez quis participar em algo, como um protesto ou um workshop, mas não pôde fazê-lo porque as suas necessidades de acessibilidade não foram satisfeitas? O que poderia ter sido feito para satisfazer essas necessidades?
3. Se faz parte de uma organização, o que faz a sua organização para tornar o seu trabalho e conteúdo acessíveis?
4. Pense nos edifícios ou caminhos que utiliza frequentemente. Da próxima vez que lá estiver, esteja atento a coisas que possam não ser amigáveis para as pessoas com deficiência (por exemplo, inexistência de rampas, calçada mal pavimentada). Com quem pode trabalhar para garantir que existe uma solução para este problema?
5. Identificar organizações na sua área local que façam trabalho de justiça em matéria de deficiência. Explore os seus recursos e identifique o seguinte:

- 5.1. Qual é a sua visão?
- 5.2. Como é que se define justiça para pessoas com deficiência?
- 5.3. Que iniciativas apoiam?
- 5.4. Como é que defendem essas iniciativas?
- 5.5. Que trabalho fazem para além da defesa de iniciativas, se é que o fazem?
6. Se não conseguir identificar organizações locais para a questão cinco, visite a [Associação Portuguesa de Deficientes](#), [Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente](#) ou a [Cavalo Azul](#).
7. Ao criar uma rede de cuidados, há questões que deve ter em mente. Por exemplo, qual é o objetivo da sua rede de cuidados? Quem precisa de cuidados e que tipo de cuidados? Quais são as melhores práticas que permitem que as pessoas que recebem cuidados recebam bem esses cuidados?

Abaixo encontra-se uma lista de coisas que a “Radical in Progress” está a fazer ou planeia fazer para garantir que o nosso trabalho seja acessível.

- Desenhar o nosso website de modo a que seja acessível, ou seja, utilizando fontes fáceis de ler como Open Sans e assegurando que o contraste de cores nos nossos gráficos seja fácil à vista
 - Leia mais sobre como tornar o seu website acessível [aqui](#)
 - Encontrar um verificador de contraste de cor
- Coloque legendas em cada TikTok (saiba mais [aqui](#))
- Colocar descrições de imagens e preencher o texto sob cada gráfico que publicamos nas redes sociais (saiba mais [aqui](#))

Leitura adicional

- Na altura da publicação, a artista e agora cineasta Sia lançou o seu filme Music, que tem sido criticado por pessoas da comunidade de deficientes como sendo discriminatória contra pessoas deficientes. Saiba mais sobre isso [aqui](#).
- [Melhorar a acessibilidade em organizações sem fins lucrativos](#)
- [Melhores práticas de acessibilidade no Zoom](#)